

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CONSUMISMO E CONSUMO VERDE

### Visão Sistêmica contra a Alienação do Consumo.

*Vagner dos Santos Alves\**

#### RESUMO

O mundo contemporâneo caracteriza-se por uma intensa complexidade. O avanço das telecomunicações permitiu à tecnologia ampliar seu campo de ação e a pós-modernidade se configura em uma série de elementos envolvidos no cotidiano das pessoas que, ao invés de facilitar a compreensão do mundo, torna-o ainda mais difícil de ser decifrado. Nesse contexto, um dos grandes desafios que se coloca para o homem é a compreensão dos elementos naturais que regem o planeta e a forma como a ação antrópica implica em suas alterações. Neste artigo, procuramos esclarecer as relações existentes entre consumo e impactos ambientais, bem como salientar o papel da escola formal na contribuição de uma visão sistêmica do homem com o planeta. A Educação Ambiental, prevista em lei para ser adotada pelas escolas, está longe de cumprir seu papel conscientizador. A própria escola precisa buscar novas formas de atuação para, de fato, fazer com que haja educação ambiental, sem a qual a natureza continuará sendo impactada, podendo trazer consequências inimagináveis para o homem a médio e longo prazos. Ao longo do artigo, cruzando pensamentos de importantes estudiosos da área ambiental, econômica e pedagógica, procuramos mostrar o real papel da Educação Ambiental, vertente do estudo fundamental para o homem nesta contemporaneidade, para uma relação mais harmônica do homem com o meio em que está inserido.

**Palavras-chaves:** Educação ambiental, consumo, consumismo.

#### ABSTRACT

The contemporary world is characterized for an intense complexity. The advance of the telecommunications has allowed the technology extend his action field, and the post-modernism, nowadays, configures itself in a sequence of elements, involved in the daily of people who don't make easy the world comprehension, making it harder to decipher. In this context, one of the bigger challenges for the mankind, is to know about the natural elements who rules the planet and how the actions practiced for the man provokes their alterations.

In this article, we look for showing the relations existents between consumption and environmental impacts, how point the formal school paper in the contribution for a general vision of the planet. The environmental education, foreseen in Law to be adopted at the schools, it's far for fulfilling his goal to orientate the school to search a new way to make environmental education, what, without this, there is the possibility of bringing bad

---

\* Mestrando em Turismo (Funiber), professor especialista em geopolítica e questões ambientais. Docente do Centro Universitário Geraldo Di Biase nos cursos de História e Geografia, lecionou por três anos no Centro Universitário Barra Mansa a disciplina Educação Ambiental no curso de Biologia.

consequences for us at a long and medium term. In this article, crossing important scholars' thoughts in the environmental, economic and pedagogical area, we show the real function of the environmental education, field of the basic studies for the man nowadays, for a relation more harmonic of the man with his time.

**Keywords:** Environmental education, consumption, consumerism

## INTRODUÇÃO

O mundo viveu grandes transformações nas últimas décadas, sobretudo com a revolução técnico-científica a partir dos anos 70. A associação entre a informática e a eletrônica propiciou o desenvolvimento de uma série de novos produtos, além do aperfeiçoamento de outros, o que provocou grandes mudanças na sociedade. A tecnologia materializada em produtos tornou-se mais acessível e, com a necessidade da indústria alcançar escala de produção, os novos produtos foram sendo difundidos com maior velocidade, estimulando cada vez mais a ideologia do consumo e a ideologia do ter (HAESBAERT, 2002).

Nos anos 90, com as grandes transformações políticas e econômicas verificadas no mundo, caracterizadas, sobretudo, com o fim da guerra fria e a expansão do capitalismo como sistema econômico em quase todos os países, ganhou impulso a idéia da globalização. Com a desregulamentação dos mercados financeiros, queda de barreiras alfandegárias e privatizações, as grandes empresas ganharam escala de mercado, passando a ter o espaço de consumo para seus produtos em uma dimensão global, o que facilitou a propagação das novas tecnologias em diversas partes do mundo (VEIGA, 2009).

Com o alcance geográfico e social amplificado dos novos elementos de consumo, uma ideologia ganhou mais espaço na sociedade: a do ter (BAUMAN, 2008). Com tantas opções de consumo expostas em prateleiras, inclusive com custos relativamente mais baixos, a sociedade é levada a um consumo desmedido, tendo como elemento principal a descartabilidade. O ter algo, de forma mais intensa que em épocas passadas, associou-se ao status social.

Existe uma idéia de que ter algo seja sinônimo de ser alguém ou alguma coisa. Essa ideologia é alimentada pela capacidade da indústria de reinventar seus produtos. Com a introdução de novas tecnologias, as mercadorias incorporam novas funções ou passam a ter um novo

desenho (designer), fazendo com que se tornem atraentes e com que os produtos anteriormente expostos para o consumo sejam vistos como obsoletos.

Utilizando-se desse recurso, o setor industrial está, constantemente, oferecendo ao mercado consumidor algum novo elemento aos seus produtos, sem que, na maioria das vezes, a essência seja alterada. A dinâmica exposta representa o que os economistas chamam de estratégia de mercado. As pesquisas de aperfeiçoamento de produtos continuam sendo feitas, as fábricas não param de produzir e o consumidor absorve as novidades a ele dirigidas. Nesse contexto, o setor industrial transformou a área de pesquisa e inovação de produtos no elemento mais importante para seus negócios, superando, estrategicamente, a relevância da fábrica.

De acordo com a estratégia utilizada pelo setor industrial, percebe-se que a descartabilidade dos produtos faz parte do negócio. A indução ao consumo sem limites está diretamente associada à idéia de produtos descartáveis. Mesmo as mercadorias que apresentam uma qualidade material melhor, embutem a característica de descartável, pois este conceito deixa de estar associado à qualidade, mas sim a sua substituição por um similar com algum tipo de diferencial. A situação exposta atende a diversos interesses: da indústria, que se beneficia com acúmulo de capital; da fábrica, que ao produzir também acumula capital e expande seu mercado; do mercado de trabalho, que com o crescimento da produção se mantém, e em algumas condições, se amplia; dos consumidores, que acreditam estar inseridos socialmente com a idéia de posse.

Esta ciranda de consumo, no entanto, se sustenta na exploração dos recursos naturais. Todos os produtos são oriundos de elementos que o homem retira da natureza e é nesse contexto que o consumismo e a descartabilidade imperantes na sociedade moderna precisam ser analisados. Água, madeira, minerais, animais e outros componentes da natureza são essenciais para que ocorra a industrialização de um produto e o mesmo possa ser consumido pela sociedade. Na medida em que o consumo aumenta, sobretudo o consumo de produtos descartáveis, mais recursos são retirados do meio natural, podendo levar o ecossistema ao chamado desequilíbrio ecológico. A lógica parece ser desvantajosa para o meio ambiente, já que a própria indústria vê o descartável como fonte importante para sua perenização no mercado.

O homem é apenas mais um elemento a compor a natureza. Porém, em função do domínio da técnica, o ser humano avança sobre o meio ambiente de uma maneira baseada na

racionalidade do lucro, não considerando, na maioria das vezes, os aspectos relacionados à interatividade dos elementos da natureza (GRUN, 2007, p.115).

Existe ainda a ideia do não esgotamento dos recursos naturais ou, pelo menos, ideologizou-se este pensamento. Ao longo do século XX (a era do petróleo), sobretudo, a partir da revolução técnico-científica dos anos 70, o consumo cresceu de maneira assustadora juntamente com o crescimento demográfico. A pressão por mais recursos naturais cresceu em uma proporção muito maior que o aumento da população e as condições para o desequilíbrio ecológico se concretizaram, uma vez que, ao mesmo tempo em que o número de habitantes crescia de maneira mais acelerada, o mundo caminhava para a intensificação de uma sociedade consumista. Os dois elementos (demográfico e de consumo) contribuíram para uma demanda sem precedentes por recursos naturais. Considera-se ainda que, com o avanço tecnológico, o homem adquire mais recursos técnicos para desbravar elementos da natureza em pontos mais remotos ou de maior dificuldade natural de exploração.

### **AÇÕES ANTRÓPICAS E DESEQUILÍBRIO ECOLÓGICO**

O desequilíbrio ecológico se dá na medida em que a natureza não consegue repor os elementos dela extraídos na mesma velocidade em que o homem lhes retira. Essa desarmonia entre o que o meio pode nos suprir e aquilo que dele retiramos é apontada como uma das causas principais de uma série de problemas ambientais vivenciados pela humanidade neste início de século, em todos os pontos do planeta (VEYRET, 2007). Problemas relacionados ao clima, a água, a eventos naturais extremos mais comuns têm, em maior ou em menor proporção, associação com a forma como o homem tem interagido com a natureza. Embora haja nos meios científicos posicionamentos contrários quanto às causas dos problemas ambientais, prevalece o argumento proferido por aqueles que defendem a ação antrópica como principal responsável pelas anormalidades ambientais verificadas nos últimos tempos.

### **ECOCAPITALISMO E CONSUMO VERDE**

Diante da evolução dos fatos, movimentos ambientalistas ganharam força em todo o mundo a partir dos anos 70, com o objetivo de conscientizar a população acerca dos malefícios que a sociedade provocava ao meio, e das possíveis conseqüências que podiam advir dos desvios humanos em relação à natureza. O discurso ambientalista original apontava a questão do consumismo como elemento chave para compreender os problemas relacionados aos impactos ambientais. Ao final do século XX, com os problemas ligados ao meio ambiente mais

exacerbados, e uma sociedade em busca de uma compreensão dos fatos, o discurso ambientalista, em algumas de suas vertentes, optou ou foi cooptado por uma linha de discurso menos crítica ao consumo, voltando seus questionamentos para a forma de consumir. Esta linha ambiental ideológica, com forte presença nos meios de comunicação e também nos discursos didáticos escolares, transformou a crítica anterior, que condenava o consumismo, em um discurso que pregava a idéia do consumo verde; pregava a idéia de que se mudassem os produtos a serem consumidos, mas sem reduzir o consumo. Esta linha de pensamento passou a ser conhecida como ecocapitalista.

O consumo verde, por exemplo, não pressupõe que haja menos carros nas ruas e formas de transportes coletivos mais eficientes, mas sim a troca do combustível (petróleo por etanol) como alternativa para uma sociedade menos impactante ao meio. A mesma linha de raciocínio é aplicada a diversos outros produtos. Essa troca sugerida acaba levando o consumidor a pensar que um consumo verde pode ser suficiente para harmonizar nossa relação com o meio. Reduz o impacto parcialmente, mas não atua na causa principal do problema. Uma análise mais sistêmica, que permita ao homem se perceber como mais um elemento do meio, mas não como o elemento principal, poderia permitir outras conclusões acerca do problema exposto e, com certeza, comprometeria a forma como o sistema econômico atua no mundo atual, razão pela qual o discurso ambiental mais realista, voltado para a questão do consumismo, precisou ser abafado. A vida e o consumo poderiam ser mais racionais, sem que houvesse grandes impactos na nossa qualidade da forma de viver.

### **EDUCAÇÃO E QUESTÕES AMBIENTAIS**

“A educação ambiental é uma prática pedagógica. Essa prática não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, na interação entre diferentes atores, conduzida por um sujeito, os educadores.” (GUIMARÃES, 2004, p.38). É nesse contexto que a escola ganha um papel de grande relevância. Fazer com que as pessoas possam compreender a relação real que temos com o meio é de suma importância para mudanças de comportamentos e ações que, de fato, contribuam para uma interação de harmonia entre o homem e a natureza.

A educação aprendida e discutida na escola é o mais importante caminho para reverter à imposição alienante que envolve o atual discurso verde. Cercado por uma série de interesses,

os discursos ambientais vigentes explicitam uma disputa intensa de grupos econômicos que desejam impor novos paradigmas relacionados à forma de consumo e de conhecimento. O debate acerca da nova realidade que está se impondo é fundamental para que o consumidor possa tomar medidas mais coerentes em relação a nossa importância dentro do sistema de mundo ecológico.

A escola, historicamente, tem assumido um papel de reprodutora das idéias do Estado, independentemente da linha ideológica a que siga. Apesar da vertente social, política ou econômica a que se dedica, o Estado usa a escola como um caminho para instrumentalizar as idéias que pretende que sejam assimiladas pela sociedade (GONÇALVES, 2010). Alguns conhecimentos básicos, como o estudo da matemática ou das línguas seguem um padrão mais técnico com um nível de instrumentalização menor, até por terem um papel importante na formação de uma mão de obra técnica de qualidade. Como o Estado tem forte ligação com os agentes econômicos, o mesmo não deixa de investir nestas áreas do conhecimento em função da funcionalidade que as mesmas apresentam, dentro de um contexto econômico e produtivo.

As ciências da natureza também merecem a mesma atenção, dispensada à ciência dos números e das letras, pois o seu conhecimento pode ser importante para o aperfeiçoamento de técnicas que, mais uma vez, pode se reverter em elemento importante para o processo produtivo. A ideologização do conhecimento, no entanto, se faz mais atuante nas ciências sociais. O conhecimento de elementos históricos e sociais pode ser de fundamental importância para direcionar futuras ações dos estudantes. O questionamento aos fatos e situações vigentes, ou mesmo históricos, conforme prega a filosofia, pode ser, em algum momento, instrumento para se buscar mudanças na estrutura do Estado e na sociedade como um todo. Em função desse direcionamento que pode advir de um estudo mais aprofundado desses campos do conhecimento, as disciplinas pertinentes a estas áreas sociais acabaram, historicamente, sofrendo mais intervenções, não apenas no Brasil mas por todo o mundo.

Porém, no caso do Brasil, o problema maior da educação estaria ligado à falta de conectividade aos assuntos estudados. As disciplinas são postas de maneira independente, não permitindo aos alunos uma visão sistêmica do que se estuda. A escola no Brasil é classificada como conteudista, sem que isto se reflita na qualidade da formação dos nossos alunos. Este conteúdo é criticado, ainda, pelo fato de ser aplicado de maneira inadequada em séries na qual a idade dos alunos não lhes permite maturidade para compreensão de determinados temas. Nesse contexto, a falta de conexão entre as disciplinas tem maior gravidade no

comprometimento com a qualidade da educação. Por falta de interação entre os assuntos estudados, a visão de uma situação global, seja em relação a temas da saúde, da cultura, da política ou das ciências, fica comprometida e a compreensão real dos fatos, aquela que pode nos permitir uma visão mais crítica a respeito dos inúmeros elementos envolvidos na sociedade, acaba não ocorrendo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em função do avanço tecnológico e da evolução dos padrões de consumo, a compreensão das questões relacionadas ao meio ambiente tornam-se fundamentais para que haja mais harmonia na relação homem-natureza. Estudar questões ambientais desassociadas das outras ciências não nos permite uma visão completa da evolução dos temas ambientais. A educação ambiental não pode ser tratada como mais uma disciplina, mas sim como um campo do saber que precisa ter transversalidade com todas as outras disciplinas. Para que isto se concretize, a questão ambiental precisa ter um foco protagonista na educação e não marginal, como a maior parte das instituições de ensino lhe destinam.

Fazer da educação ambiental um eixo a permear todas as disciplinas pode ser um importante passo para a transformação da escola deste modelo concebido hoje, muito criticado, em uma instituição que possa contribuir para a cidadania dos seus alunos de maneira ampla, que vá além da mera transmissão de conteúdo. Este processo, no entanto, mostra-se complexo, tendo em vista a necessidade de uma adaptação na formação dos docentes, de forma a descompartimentarem seus campos do saber, o que representaria uma importante quebra de paradigma.

Apesar das resistências, esta transformação precisa ocorrer sob o risco da escola perder, definitivamente, sua importância dentro de uma sociedade. Com os diversos instrumentos eletrônicos e de mídias postos às pessoas, a escola com a atual estrutura vai tornado-se cada vez menos eficiente. Ao mesmo tempo, a ascensão de novos recursos pode ser elemento fundamental para a escola assumir sua real importância perante a sociedade.

A complexidade do mundo exige das pessoas uma maior capacidade de compreender como as coisas se entrelaçam e se relacionam. A escola é o espaço e a entidade mais apropriada para

fornecer às pessoas elementos para juntar este grande quebra-cabeça do século XXI. Com o conhecimento fragmentado, isto se mostra impossível. O elemento ambiental é o primeiro grande elemento sobre o qual a escola pode se aprofundar, inserindo esta nova forma de estudar e compreender o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALIER, Joan Martínez. **O ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2010.
- GRUN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Campinas: Papyrus, 2007
- GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Caminhos da educação ambiental**. Campinas: Papyrus, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- SATO, Michele; CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- SILVA, Ezequiel T. da. **O professor e o combate à alienação imposta**. São Paulo: Cortez, 1996.
- VEIGA, José Eli da. **Mundo em transe: do aquecimento global ao ecodesenvolvimento**. Campinas: Armazém do Ipê, 2009.
- VEYRET, Yvette. **Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente**. São Paulo, Contexto, 2007.